

6. O trecho abaixo corresponde à parte final do primeiro Sermão de Quarta-Feira de Cinza, pregado em 1672 pelo Padre Antonio Vieira.

“Em que cuidamos, e em que não cuidamos? Homens mortais, homens imortais, se todos os dias podemos morrer, se cada dia nos imos chegando mais à morte, e ela a nós; não se acabe com este dia a memória da morte. Resolução, resolução uma vez, que sem resolução nada se faz. E para que esta resolução dure, e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos bem naquela hora. De vinte e quatro horas que tem o dia, por que se não dará uma hora à triste alma? Esta é a melhor devoção e mais útil penitência, e mais agradável a Deus, que podeis fazer nesta Quaresma. (...) Torno a dizer para que vos fique na memória: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? *Memento homo.*”

(Antonio Vieira, *Sermões de Quarta-Feira de Cinza*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p.102.)

- a) Levando em conta o trecho acima e o propósito argumentativo do Sermão, explique por que, segundo Vieira, se deve preservar “a memória da morte”.
- b) Considere as perguntas presentes no trecho acima e explique sua função para a mensagem final do Sermão.

COMENTÁRIO

- A) Segundo Padre Antônio Vieira, deve-se preservar “a memória da morte” como prova de “devoção” e “útil penitência” para agrado de Deus: não bastaria para a salvação da alma somente a penitência no dia da morte, mas a “resolução” firme de dedicar, entre as “vinte e quatro horas que tem o dia”, pelo menos “uma hora à triste alma”. Leve-se em conta, é claro, o propósito argumentativo final dos sermões, que é levar o homem a conversão mediante ao entendimento de que, “homens mortais, homens imortais, somos todos pó”.
- B) Como em todo percurso expositivo e argumentativo dos sermões, as perguntas presentes no final do excerto tem uma função retórica e interpelativa, uma vez que apelam ao entendimento e à comoção do interlocutor. Para atingir seu intento, percebe-se que o enunciador lança mão da primeira pessoa do discurso na desinência verbal (“Como vivi? Quanto posso viver?”, etc) e conclui com uma forma imperativa no latim, a famosa e sempre reiterada expressão “Memento homo” (“lembra-te, homem”). O fecho do excerto, assim, ressalta um claro sinal de advertência e, ao mesmo tempo, indica uma resposta assertiva e categórica às perguntas, aproximando o expectador do tema de Deus e convidando-a a um autoexame de consciência.